

SAUSSURE, O DISCURSO E O REAL DA LÍNGUA: ENTRE LINGÜÍSTICA E PSICANÁLISE

Bruno Focas Vieira MACHADO*

- **RESUMO:** A aproximação entre Freud e Saussure foi promovida a partir do encontro de Lacan com o texto freudiano na década de cinquenta pela via do Estruturalismo Linguístico. Lacan (2009) afirma que o “signo de percepção” é o que Freud pôde encontrar de mais próximo do significante de Saussure, em uma época em que o mesmo ainda não havia sido elaborado. Este artigo pretende estabelecer algumas aproximações entre as doutrinas lacanianas e saussurianas, tomando como centrais os conceitos de sujeito, discurso e real da língua, ainda que os mesmos não se encontrem claramente elaborados na obra de Saussure. Para almejar esse objetivo, utilizou-se bibliografia específica da interface linguagem e psicanálise, principalmente Michel Arrivé (2001), e referências de Pêcheux e Gadet (2004) em *Análise do Discurso*. De forma semelhante, buscou-se cernir de que maneira o tema da linguagem se encontra na obra de Freud e a maneira como Lacan (2009) se apropriou do termo “significante” de Saussure. Como resultado foi possível concluir que os conceitos de “inconsciente” e “real da língua” já se encontram de forma embrionária na obra de Saussure, a despeito de sua ênfase na língua como estrutura.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Inconsciente. Linguagem. Discurso. Significante.

Freud e a questão da linguagem

As articulações e as indagações sobre a linguagem se encontram na base e na origem da prática psicanalítica de Sigmund Freud. De fato, Freud, por sua descoberta clínica e teórica, pode ser visto como aquele que antecipou a teoria da linguística e as indagações sobre a estrutura do discurso. Seu ensino, desde os primórdios, focou sobre a questão da palavra e de seus efeitos na formação do sintoma, nos estratos do aparelho psíquico, no próprio inconsciente e na constituição do sujeito. Essas relações intrínsecas entre linguagem e Psicanálise, que são postas por Freud, podem ser ilustradas partindo de uma citação de Arrivé (1999, p. 23), que coloca muito mais uma questão do que uma resposta:

* UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte – MG – Brasil. 31270-901 – b_machado@uol.com.br

A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente, concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sinta com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistência cujas próprias forças é proporcional à evidência dos fatos. Como evitar, então, uma conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise?

Miller (1996) aponta o campo da psicanálise como o “campo da palavra”, reivindicando, assim, a exigência de uma posição nova no campo da linguagem. De acordo com sua proposição, um campo que comporta como pertinência cardeal a cientificidade ou não, deve se constituir como um campo do discurso.

O sentido presente no sintoma, uma das fundamentais descobertas freudianas, apresenta-se como uma dimensão semântica cifrada no inconsciente. Isso é legitimado pelo fato de a tríade freudiana *A Interpretação dos Sonhos*, *A Psicopatologia da vida Cotidiana* e *Os Chistes e suas relações com o Inconsciente* ter sido posteriormente batizada por Lacan (1998) de “a trilogia do significante”, termo cunhado em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. São textos que tratam eminentemente da própria estrutura da palavra no inconsciente e que provocam os mais variados efeitos sobre um sujeito: os sonhos, os sintomas, os atos falhos e os chistes, que configuram as formações clássicas do inconsciente. Essa tríade de textos pode ser encarada como a linguística e a “teoria discursiva” de Freud, apresentando uma infinidade de exemplos retirados do cotidiano, de como o sujeito é afetado pela linguagem em período integral e de como operam as associações linguísticas no inconsciente através de homônimas, associações, homofonias e aglutinações de sílabas. O funcionamento discursivo é igualmente tratado, ao demonstrar que o sintoma e o lapso frequentemente se dirigem a “outro interlocutor”. A noção de *significante*, dessa forma, introduzida no campo psicanalítico por Jacques Lacan (1998) a partir da linguística saussuriana, está implícita em todo o percurso freudiano e fornece uma chave de leitura para sua obra. É a partir da noção de significante que Lacan (1998) pôde formular outro fundamental conceito que une os estudos psicanalíticos aos estudos linguísticos e discursivos: o sujeito. Pode-se recorrer a Milner (2008) para precisar um pouco melhor a maneira como Lacan compreende o termo *significante*, ainda que esse termo seja multifacetado em sua obra: se compreendemos que a estrutura é um sistema qualquer, considerar um elemento qualquer somente sob o ângulo das propriedades mínimas que o fazem elemento de um sistema é, em linhas gerais, o que se chama, em Lacan (1998) de significante.

Nesse ponto, podemos dizer que Lacan (1998) é bastante saussuriano, pois parece também endossar que o significante é um elemento mínimo que possui um caráter puramente posicional e apenas demarca uma diferença com outro

significante em uma cadeia linguística. A *doutrina do significante* em Lacan (1998), em contrapartida, possui uma fundamental distinção do significante como é utilizado em Saussure (2006) e na linguística em geral que é a emergência do sujeito na estrutura. A definição lacaniana do significante necessariamente inclui essa emergência do sujeito, o que é sintetizado em seu repetido axioma que diz que “um significante representa um sujeito para um outro significante” (LACAN, 1985a, p. 197) Lacan (1998) articula assim as teorias da estrutura e do significante com a teoria do sujeito que, como expressa Milner (2002), constitui junto às duas primeiras teorias um *caroço duro*.

De fato, as questões linguísticas estão presentes de forma evidente na obra freudiana, principalmente em sua citada tríade de textos e nos *Estudos sobre a histeria*, redigidos a quatro mãos com Breuer. Posteriormente, em 1910, em *O significado antitético das palavras primitivas*, Freud se ancorará no linguista Carl Abel para traçar uma analogia entre linguagem onírica e linguagem primitiva. Apesar de algumas evidências, Arrivé (2001), em sua pesquisa sobre as teorias linguísticas em Freud, chama atenção para o fato de que a formalização explícita de uma teoria da linguagem se encontra apenas nas primeiras obras freudianas. Em contrapartida, a linguagem, de uma maneira mais ampla, está em toda parte de sua obra, tornando até mesmo uma tarefa difícil fazer um apanhado mais preciso. A despeito desse fato e de suas descobertas claramente linguísticas no que diz respeito à estrutura e à dinâmica do inconsciente, não há nenhuma evidência do conhecimento de Freud sobre a linguística de Saussure, apesar de ambos terem vivido e produzido parte de seus trabalhos na mesma época e no mesmo continente. É conveniente lembrar que o *Curso de linguística geral*, regido em 1916 por dois discípulos de Saussure após sua morte, teve como base anotações feitas a partir de três cursos dados por Saussure entre 1906 e 1911, época em que os três grandes trabalhos de Freud sobre linguagem e inconsciente já haviam sido publicados. Arrivé (1999) chama a atenção para esse fato, ao constatar que Freud e Saussure pertencem à mesma geração e, nessa mesma época, viu-se a fundação da Psicanálise através de Freud e a refundação da Linguística através de Saussure. Apesar da proximidade geográfica (Freud residia em Viena, e Saussure, em Genebra) e cronológica que aproximava intimamente os dois pensadores, cada um deles permaneceu aparentemente alheio ao trabalho do outro. Nesse contexto de estranho desconhecimento mútuo, é um pouco mais compreensível que Saussure, que faleceu precocemente em 1913, tenha se mantido desconhecedor dos fundamentos da Psicanálise. A mesma justificativa não é aplicável a Freud, que se manteve surpreendentemente ignorante sobre as questões da Linguística, a despeito de ter trabalhado intensamente até o ano de sua morte em 1939.

Freud e Saussure: um encontro mediado por Lacan

A aproximação entre Freud e Saussure foi promovida a partir do encontro de Lacan com o texto freudiano na década de cinquenta pela via do estruturalismo linguístico. Lacan (1985a) aproxima o conceito freudiano de *Vorstellungsrepräsentanz*, o representante psíquico das pulsões no inconsciente, do significante saussuriano. De forma semelhante, relaciona o significante saussuriano com o *Wahrnehmungszeichen*, o signo de percepção, presente na famosa carta 52 de Freud a Fliess. Em *Lição sobre Lituraterra*,¹ Lacan (2009) afirma que o signo de percepção é o que Freud pôde encontrar de mais próximo do significante no sentido de Saussure, em uma época em que o mesmo ainda não havia sido elaborado. No meio psicanalítico, por sua vez, o termo *significante* já foi absorvido de modo a significar tudo aquilo que pode ser entendido como linguagem, representação e o registro do simbólico. A origem linguística do termo parece ter perdido sua importância para os psicanalistas. Arrivé (2001, p.96), em contrapartida, não se furta da questão, ao enunciar que:

[...] a linguagem com a qual está estruturado o inconsciente não se confunde com a linguagem tal como a concebem os linguistas. Contrapartida obrigatória dessa primeira verificação: o significante lacaniano não se confunde com o seu homônimo (e epônimo) saussuriano. Donde a necessidade da pesquisa de que hoje dou os tardios resultados: que há de comum entre o significante saussuriano e o lacaniano?

O próprio Lacan não se mostra indiferente a esses limites entre a linguagem do inconsciente e a linguagem dos linguistas, sem pretender negar uma aproximação possível. No final de seu ensino, após haver se distanciado do Estruturalismo, Lacan (1985b, p.25) então enuncia, em uma aula de seu Seminário 20, *Mais, ainda*: “Meu dizer que o inconsciente está estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística.” Lacan (2009, p.43) tampouco se mostra indiferente às particularidades do uso do termo “significante” no campo linguístico e psicanalítico, inclusive reconhecendo que o uso que faz do termo não é exatamente aquele do campo da Linguística: “Faço desse significante um uso que incomoda os linguistas.” Com o objetivo de manter certa distância entre as duas disciplinas, Lacan (1985b), no Seminário 20, forja o conceito de *linguisteria* (neologismo criado mais sobre o termo “linguista” do que “linguística”) para se referir à linguística que se trata no inconsciente, uma linguística que toca a dimensão do sujeito e do gozo. A despeito de tal afastamento, Lacan (1985b) não deixa de testemunhar na mesma lição que um dia percebeu que era difícil não entrar na linguística, a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto. Mas faz uma importante

¹ Confira LACAN (2009).

objeção que justifica seu neologismo da *linguisteria*: nem tudo da linguagem depende da linguística ou do linguista. A *linguisteria*, termo cunhado em uma aula dedicada ao linguista Roman Jakobson representa, usando uma expressão de Milner (2008), um “adeus à Linguística” e outro adeus ao paradigma estruturalista por parte de Lacan. A referência onde é situado o inconsciente é precisamente aquela a qual escapa à Linguística: relação com o real e o fora de sentido. Já em *Radiofonia* (LACAN, 2003, p. 403), encontramos uma surpreendente formulação: “o inconsciente é a condição da linguística.” O afastamento e a crítica de Lacan em relação à Linguística antecedem o surgimento da *linguisteria* no seminário 20. Em seu seminário 18, *De um discurso que não fosse semblante*, encontramos uma lição que Miller (2009), ao estabelecer o seminário, denominou de “contra os linguistas”, na qual Lacan (2009) se posiciona frente a críticas que os próprios linguistas faziam de seu uso da Linguística. Trata-se de uma lição paradigmática para ilustrar as relações conflituosas existentes entre a Linguística e a Psicanálise ou, melhor dizendo, entre os linguistas e os psicanalistas. Nessa lição, Lacan (2009) lança uma importante pergunta a sua plateia: “Será que se é estruturalista ou não, quando se é linguista?” O psicanalista se defende da crítica por parte dos linguistas sobre o uso que o mesmo faz da Linguística em seu ensino. De acordo com eles, Lacan faz, no campo psicanalítico, um uso metafórico da Linguística. Esses linguistas, segundo o próprio Lacan (2009), pretendiam reservar-se o privilégio de falar da linguagem. É ao questionar esse suposto privilégio reivindicado pelos linguistas que Lacan (2009) justifica a importância da linguagem para o edifício teórico da Psicanálise, ao articulá-la com o campo do inconsciente. O que define o conceito de inconsciente é o fato de que um sujeito possa dizer o que quiser, de que posição for, mas não saberá o que diz. O “sei o que eu digo”, como atesta Lacan (2009) é o que não posso dizer. E essa relação entre o dizer, o inconsciente e a linguagem é buscada no próprio Freud:

Mesmo que eu não saiba o que digo – só sei que não o sei, e não sou o primeiro a dizer algo nessas condições, isso já foi ouvido – digo que a causa disso só deve ser buscada na própria linguagem. O que eu acrescento a Freud – ainda que isso esteja em Freud, patente, pois o que quer que ele demonstre do inconsciente nunca é senão material de linguagem-, o que acrescento é isso: que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem. Qual? Pois bem, justamente, procurem-na. (LACAN, 2009, p.42).

O fragmento acima antecipa algo que Lacan (2009) dirá com todas as letras no prosseguimento de sua lição: em Psicanálise podemos dispensar a Linguística como uma ciência (sem entrar aqui no mérito da polêmica que essa assertiva encerra), mas jamais podemos dispensar as indagações sobre a linguagem. O psicanalista, nesse momento de seu ensino, já disjunto da Linguística Estrutural (sem pretender negar que a ciência Linguística fora uma interlocução fundamental

em seu primeiro ensino), valoriza a linguagem em detrimento da Linguística até com certo desprezo e rispidez:

Consegui fazer os ignorantes se interessarem por algo a mais, o que não era o meu objetivo, porque, para a linguística, devo dizer-lhes, estou pouco me lixando. O que me interessa diretamente é a linguagem, porque penso que é com ela que lido quando tenho que fazer uma psicanálise. (LACAN, 2009, p.43).

O que soa fundamental nessa distinção é ter em mente que, na Psicanálise, podemos até dispensar a Linguística como um sistema teórico e científico, mas a linguagem está solidificada na própria prática analítica. Isso significa que, além de a linguagem não poder ser dispensada, não pode ser um privilégio dos linguistas discursar e produzir saber a partir da mesma. Encontra-se, assim, um ponto de contato com o Lacan do Seminário 20, que profere que seu dizer de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da Linguística, mas sim da *linguística*. No decorrer de sua lição “contra os linguistas” Lacan (2009) justifica o seu uso metafórico da Linguística ao dizer que o inconsciente não pode conformar-se à pesquisa linguística que é, em suas palavras, insustentável. Dizer que a Linguística é insustentável não significa que não se deve fazer uma aposta sobre ela, assim como sobre a própria Psicanálise que, nas conhecidas palavras de Freud em *Análise Terminável e Interminável*, é uma profissão impossível e, por que não dizer, insustentável. A Linguística e a Psicanálise assim convergem para um ponto: ambas são metáforas que se fabricam e são feitas para não funcionar. Pode-se, como sugere Lacan (2009) ao final de sua lição, tirar proveito da Linguística e retirar coisas importantes da mesma para um estudo da linguagem articulado à Psicanálise.

Santiago (1995) aponta que o encontro lacaniano com o estruturalismo linguístico de Saussure retirou do inconsciente freudiano o seu caráter de substância, tendo sido o mesmo banalmente interpretado como uma “caixa de Pandora”, um objeto obscuro que esconde segredos em sua profundidade. A Linguística Estrutural permitiu recuperar a rica simbologia presente no inconsciente freudiano, por partir de um ponto de vista não substancial, mas diferencial. Para Saussure, na língua há apenas diferenças, tudo é marcado por um sistema de oposições entre signos, representações, palavras, etc. Santiago (1995) aponta como o antissubstancialismo linguístico é uma aquisição fundamental para a pesquisa psicanalítica contemporânea. O estruturalismo possibilitou desvanecer o caráter misterioso do inconsciente, retirando do mesmo a ideia de ser algo abissal, profundo e oculto, características consideradas por muitos iminentes a ele. O popular termo *subconsciente*, rejeitado pelo próprio Freud (1974), denuncia essas concepções. A partir do momento em que se conceitua que o inconsciente é estruturado como uma linguagem se permite trazer a tona o seu material. A

complexidade do inconsciente se encontra nas regras de combinação do seu material linguístico, sem precisar relegá-lo ao pressuposto da profundidade.

A posição lacaniana dentro do Estruturalismo encerra um paradoxo que o coloca em um lugar atípico, ao manter os conceitos de estrutura e de sujeito, aparentemente inconciliáveis. Pinto (1995) chega mesmo a questionar se Lacan não teria sido um antiestruturalista, já que, em um período final de seu ensino, chegou a dizer que o Outro não existe. O próprio Lacan (2009, p. 14) chega a ironizar aqueles que tendem a interpretar seu ensino sobre a égide plena do Estruturalismo: “O significante, há quem acredite que ele é essa coisinha boa que foi domesticada pelo estruturalismo, que é o Outro como Outro, ora a bateria significante, ora tudo que eu explico.” O Estruturalismo, em linhas gerais, é um movimento que, no campo da Linguística, rechaça o lugar do sujeito e se ocupa da linguagem em seus aspectos formais e gramaticais. Ao se referir ao algoritmo saussuriano como um paradigma da noção de estrutura, Garcia (1995) aponta o Estruturalismo como um “tapa-buraco” para aquilo que falha no campo da linguagem e do discurso: o sujeito. O algoritmo é feito para dar soluções, para funcionar de maneira harmônica. Ele parte da univocidade, enquanto o sujeito é sempre uma contingência. O Estruturalismo, dessa forma, é um movimento que visa mascarar aquilo que na linguagem se apresenta como ruptura e desarmonia. De acordo com Garcia (1995, p. 189): “O algoritmo era eficaz, seu sucesso foi grande; porém, com tantos exemplos de polissemia, criatividade na língua, deslizamento semântico, algo ficava de fora.” O que ficava de fora é precisamente o sujeito e os efeitos de real que permeiam todo e qualquer sistema linguístico.

Saussure e Lacan: o inconsciente e o real da língua

Saussure (2006), conhecido como o pai da linguística moderna, concebia a língua como um sistema dual marcado por uma relação dicotômica e indissociável entre um *significado* e um *significante* na constituição do *signo*. Saussure (2006) propunha também uma distinção entre *língua* e *fala*; sendo a primeira o próprio aspecto estrutural da linguagem como um sistema semiótico, e a segunda, o modo particular e singular como a fala se articula em relação à língua. Porém a *fala*, conceito de onde podemos tomar como ponto de partida para se pensar o sujeito, se mantém como um ponto de menor ênfase em seu ensino, pois o linguista se interessou mais em privilegiar os aspectos formais da língua. Saussure é explícito e claro ao dizer que o estudo da linguagem comporta duas partes, a *língua* e a *fala*, sendo que a primeira é a sua parte essencial e a segunda a sua parte secundário. A despeito de seu privilégio sobre a língua em detrimento da fala, é fundamental destacar que na perspectiva de Saussure ambas são interdependentes e indissociáveis, formando uma dicotomia semelhante à do signo

linguístico que se assenta sobre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). O próprio privilégio conferido à *língua* aparece como um elemento paradoxal na elaboração de Saussure, pois o linguista aponta que a *língua* não é apenas necessária para que a *fala* seja inteligível, mas também necessária para que a própria língua se estabeleça. Saussure (2006, p.27) privilegia a *língua*, mas simultaneamente coloca a *fala* e o uso particular da língua em primeiro plano, o que não deixa de ser um interessante paradoxo: “historicamente o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala?” Dessa forma, podemos afirmar que a noção de discurso já está colocada na linguística estrutural de Saussure, chegando o mesmo a afirmar que é a fala que faz evoluir a língua, e que são as impressões recebidas ao se ouvir o outro que possibilitam a mudança dos hábitos linguísticos. A distinção entre os estudos linguísticos e discursivos é, inclusive, o título do quarto capítulo da introdução de seu *Curso de linguística geral*: “Linguística da língua e linguística da fala”, sendo a língua a manifestação do que há de coletivo na linguagem, e a fala do que há de individual e momentâneo na mesma. Para Saussure (2006), pode-se se chamar de Linguística cada uma dessas duas disciplinas, mas há de se escolher uma das vias dessa bifurcação mutuamente excludente ao se estabelecer a teoria da linguagem.

Saussure (2006) se refere ao significante como uma imagem acústica, em si esvaziada de sentido e sem ligação *a priori* com o seu significado, que é um conceito. O significante, ainda em sua conceituação, possui uma natureza auditiva e um caráter psíquico, constituindo representações psíquicas para o falante. De acordo com Saussure (2006), o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. Trata-se de um dos princípios fundamentais do signo enunciado por Saussure (2006). Uma imagem acústica apenas produzirá um sentido a partir de sua vinculação com um conceito que a retifique dentro de determinado ordenamento linguístico e social.

Ao inverter a relação de Saussure (2006) e colocar o significante em uma posição privilegiada em relação ao significado, Lacan (1998) ressalta que, no inconsciente, as representações têm sempre de ser tomadas como significantes. Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular. O significante é algo contingente que um sujeito toma como necessário. O significado, por sua vez, não é nada mais que o resultado da articulação entre dois significantes que, juntos e por efeito de retroação, produzem um efeito de sentido que irremediavelmente se remete a outro significante. O significado e o efeito de sentido se dão sempre a partir de uma articulação binária entre os significantes, esses em oposição. Muito se fala e se discute na literatura analítica a respeito desta “inversão do algoritmo saussuriano” operada por

Lacan (1998). A despeito da inquestionável e evidente verdade dessa afirmativa, a leitura do capítulo *O valor linguístico* do *Curso de linguística geral* nos mostra Saussure (2006) conferindo um privilégio ao significante (a imagem acústica) em detrimento do significado (o conceito). Três passagens do *Curso de linguística geral* permitem melhor apreender isso. Na primeira delas, diz Saussure (2006, p.137): “O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação.” Na segunda, Saussure (2006, p. 138) assim se expressa sobre o significante linguístico: “[...] em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras.” E, por fim, na terceira, acrescenta ainda: “Cada idioma compõe suas palavras com base num sistema de elementos sonoros cada um dos quais forma uma unidade claramente delimitada e cujo número está perfeitamente determinado.” (SAUSSURE, 2006, p. 138). Vemos Saussure (2006), nessas passagens, enfatizando as diferenças fônicas nas palavras, as diferenças entre as imagens acústicas para a definição do significante e definindo a língua primordialmente pelos seus elementos sonoros. Isso permite concluir que a inversão promovida por Lacan (1998) no algoritmo saussuriano é bastante relativa, pois o próprio Saussure (2006) privilegia o significante em detrimento do significado ao tratar da noção de valor. Lacan (1998), ao privilegiar o significante, está em uma sintonia maior com o pensamento de Saussure do que se costuma crer.

A própria noção saussuriana de arbitrariedade do signo linguístico coloca a língua à margem de uma possibilidade efetiva de ser ativamente modificada: o que é arbitrário não está calcado em uma razoabilidade e em uma norma que justifique o seu emprego e sua discussão. A causalidade do signo linguístico é real (no sentido lacanianiano), não está suportada em um saber simbolicamente passível de ser enunciado e localizado. A arbitrariedade do signo linguístico, por sua ancoragem em um real inassimilável, não pode ser demonstrada, ao contrário do que pensara Saussure. Essa ausência de uma norma, e de uma base sólida e razoável para justificar a escolha de um significante em detrimento do outro faz ser impossível discuti-lo e de colocá-lo em questão: ele sempre escapa ao falante. Para Maliska (2003), a questão sobre a arbitrariedade é da ordem de um mito, de um não senso irresolúvel, ela é uma característica radical da língua que é submetida apenas à sua própria ordem. Maliska (2003, p.34) radicaliza a sustentabilidade da arbitrariedade na obra de Saussure, ao postular que:

Reconhecer e suportar essa “irracionalidade”, presente na arbitrariedade de modo específico e no CLG de modo geral, é a única possibilidade de sustentar esse termo dentro dos postulados saussurianos, e não ostentar a posição de uma ciência positivista despida de contradições e

impossibilidades, pois o real – marca da impossibilidade – se faz presente no âmago de toda ciência.

A questão sobre a origem da linguagem é, então, descartada por Saussure (2006), assim como é descartada por Lacan (2009). A renúncia saussuriana sobre a questão das origens se encontra em sua própria textualização, ao afirmar que seu objeto de interesse é a língua constituída, e mais amplamente justificada por uma releitura pelo viés do real da Psicanálise: a origem é um mito, um real impossível que podemos aproximar do que Freud, em *O Recalque*, nomeou de *recalque originário*, um núcleo inassimilável do inconsciente simbólico. O reconhecimento sobre esse real, sobre a impossibilidade se cunhar uma origem, um ponto apreensível para a arbitrariedade do signo linguístico, encontra-se no próprio *Curso de linguística geral* de uma maneira muito evidente. Ao discutir sobre a mutabilidade e a imutabilidade do signo, Saussure (2006) é enfático ao afirmar que a qualquer época que remontemos, por mais antiga e primitiva que ela seja, a língua sempre aparece como uma herança da época precedente. Isso já coloca uma inquietante questão: se a língua é sempre uma herança de uma época anterior, como se deu a fundação da língua? Seguindo as palavras de Saussure (2006), não há uma resposta elaborável para esse fato, pois, o ato pelo qual em dado momento os nomes teriam sido distribuídos às coisas, um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e imagens acústicas, esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi comprovado. A hipótese de Saussure (2006) sobre essa origem inassimilável e não comprovável é ancorada na própria hipótese do arbitrário do signo.

Saussure: um sujeito dividido

O posicionamento ambíguo e paradoxal de Saussure a respeito dessa questão da subjetividade na linguagem e de seu inexorável real, simultaneamente desprezada e valorizada em seu *Curso de linguística geral*, é um reflexo do próprio Saussure como sujeito. É sabido que havia um Saussure diurno, voltado para o *Curso de linguística geral*, e um Saussure noturno, interessado pela poesia latina e pelos anagramas. Essa dualidade, que não se inscreve apenas em uma obra, mas igualmente no homem por trás dessa obra, repercutiu e determinou consequências na história da Linguística. Se brevemente foi possível demonstrar que uma abertura para o inconsciente e os estudos discursivos se inscreve na obra do próprio Saussure (2006), Pêcheux e Gadet (2004) argumentam como sendo contraditório para os estudiosos da obra saussuriana compreender que o saber sobre a relação entre real e equívoco inicia-se na obra do próprio Saussure. Essa contradição é sustentada pela conhecida leitura reducionista do projeto saussuriano, reconhecido por ser o fundador da Linguística Estrutural, doutrina

que exclui da linguagem a dimensão do sujeito. Os linguistas pós-saussurianos, ao sustentar o Estruturalismo, fecharam-se para as contradições e os conceitos muitas vezes irresolúveis presentes no *Curso de linguística geral*. Pêcheux e Gadet (2004) ressaltam que o núcleo irresolúvel dos conceitos presentes no *Curso de linguística geral* são geralmente tamponados pelos linguistas ao situar o centro do empreendimento saussuriano no arbitrário do signo, controlando a relação entre significante e significado. Essa leitura implica considerar que as relações de oposição de cada signo com outros elementos do plano linguístico formam uma rede que se constitui como uma estrutura equilibrada no modelo de uma *gestalt*. A fala, por sua vez, torna-se um conceito à parte da estrutura como língua, ao mesmo tempo interior e exterior a ela. De forma semelhante que os primeiros pós-freudianos buscaram suturar a hiância do inconsciente freudiano, os linguistas pós-saussurianos buscaram apagar as contradições do texto de Saussure e sua via aberta para o sujeito e o real da língua. Recusamos essa concepção da obra de Saussure e propomos uma articulação entre o Saussure diurno (o estruturalista) e o noturno (o dos anagramas). Lacan (1998, p.506) retira consequências dessa dualidade para o funcionamento da cadeia discursiva: se o discurso é situado linearmente no tempo e no espaço em termos do *Curso de linguística geral*, “[...] basta escutar a poesia, o que sem dúvida aconteceu com F. de Saussure, para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura.” A dualidade existente entre o *Curso de linguística geral* e o estudo sobre os anagramas é uma franca abertura na Linguística para a Psicanálise, mais propriamente para a simbólica do inconsciente e o real irredutível da língua. De acordo com Coutinho (2007), Saussure esteve bastante próximo do inconsciente e entreabriu suas portas ao estudar os anagramas, porém, por não ter a experiência da clínica, terminou por fechar essas mesmas portas e obstruir a via de acesso. Os manuscritos de Saussure e sua própria posição de clandestinidade no que se refere aos anagramas demonstram que ele nunca destacou e terminou por abandonar essa vertente de sua obra, que é a vertente que melhor insinua a trilha da relação entre inconsciente e linguagem. Ao comentar o interesse saussuriano pelos anagramas, Milner (1987, p.55) afirma que:

A partir daí, Saussure estava diante de um real incontornável, mas a filologia nada podia fazer com ele: não havia mais princípios não necessários, mas uma propriedade sempre localizável nos textos – não mais o saber obliterado de especialistas desaparecidos, mas o saber inconsciente da própria língua.

Esse saber inconsciente da própria língua, localizável no dualismo saussuriano é, nas palavras de Pêcheux e Gadet (2004), constantemente ameaçado de ser suturado pela tese da positividade da comunicação, pela racionalidade

operatória da pertinência, pela univocidade psicológica das escolhas e pelas intenções seletivas no interior de um determinado paradigma. O que pela obra de Saussure institui-se na língua uma relação com a *alíngua* ou com o real da língua é constantemente ameaçado de derivar para uma descrição semiológica da realidade e para a restauração do primado da significação, da positividade do signo e do fechamento de um sistema finito de elementos

Saussure, Lacan e o real da estrutura

Se a estrutura é uma redução a suportes elementares, é uma máquina que pretende funcionar, ela só conta com que é simbolizado em um funcionamento automático. Os efeitos de sujeito, que se prestam ao real que escapa ao simbólico, para essa máquina, não existem. Para Lacan (2009), por sua vez, há algo na estrutura da linguagem e no lugar do Outro que é irredutível e impossível de ser integrado ao campo do significante. Trata-se do objeto **a** e da dimensão de linguagem que ele denominou *alíngua*. É pela via do objeto **a** que a noção de Estrutura foi progressivamente se esgotando no ensino de Lacan. Se a Linguística adentrou a Psicanálise pela via do retorno a Freud promovido por Lacan nos anos cinquenta, a Psicanálise adentrou a Linguística por essas falhas irresolúveis no sistema linguístico. Essas falhas, essa impossibilidade de um discurso ou de uma estrutura discursiva se fazer consistente, é representada por Lacan (2009) pelo seu paradoxo do “discurso sem palavras”.

Se pensarmos em uma relação linguística sustentada pelo sujeito, ele não será um suporte indiviso da mensagem e do código e nem manterá com ambos uma relação idêntica de harmônica reciprocidade. O código é necessário à produção da palavra, mas está ausente da palavra enunciada pelo sujeito emissor e nem pertence a ele, assim como ocorre com o outro sujeito em posição de alteridade. Essa distribuição tópica separa o plano em que o sujeito da enunciação se efetua na primeira pessoa, como *eu*, do lugar onde o código é dado. A falta do código ao nível da palavra e a falta do sujeito no lugar do código abrem no interior da própria linguagem o que Miller (1996) denominou de *fissura do inconsciente*. Uma expressão é ainda cunhada: o sujeito é capaz de um inconsciente. As falhas da língua e da comunicação (dizer o que não se sabe, não saber o que se diz, falar para nada dizer, etc.) são propriedades não elimináveis e positivas do ato de falar, o que justifica o neologismo lacaniano de *alíngua*. Ainda sobre essa *fissura do inconsciente* aberta pela linguagem, encontramos na obra do próprio Saussure evidências de uma articulação entre os fenômenos linguísticos e os processos inconscientes. Em suas palavras, o signo é imotivado e algo dele sempre escapa à vontade individual ou social, o que possibilita interpretar que há algo na linguagem que escapa ao saber do

falante. Suas elaborações a respeito da mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico fornecem outros elementos para justificar essa leitura; pois Saussure (2006) observa que a liberdade que um falante tem para escolher as palavras a fim de compor o seu discurso é apenas aparente, sendo que o significante escolhido pela língua não poderia ser substituído por outro: ele é imposto e não há soberania da massa falante sobre sua palavra. A língua é teorizada para Saussure (2006, p.23) como algo que se encontra além de um contrato puro e simples de comunicação entre sujeitos, mas apresentando um estatuto de lei, uma lei imposta que, curiosamente, nenhum falante é capaz de regular: “se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida, a língua é o que oferece a prova mais contundente disso.” Essa capacidade do falante de intervir ativamente na língua é sustentada igualmente por sua percepção de que os indivíduos, de maneira geral, não têm consciência das leis da língua e não as percebem, logo como poderiam modificá-las? É possível perceber, novamente, rudimentos de uma teoria do inconsciente na linguística saussuriana. Esses rudimentos de uma teoria do inconsciente ganham contornos mais evidentes se nos lembrarmos de sua comparação estabelecida entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. Ambos constituem um sistema em que cada termo (peça, no caso do xadrez) tem o seu valor por oposição aos outros termos, sendo que a mudança de um único termo afeta a totalidade desse sistema de uma forma cujos efeitos são impossíveis de se prever ou calcular. Para Saussure (2006), uma partida de xadrez é como uma realização artificial do que a língua apresenta de forma natural e espontânea. Ambos também possuem em comum o fato de funcionar sob um pano de fundo imutável que são as regras: as regras do jogo no xadrez e as regras da língua estabelecidas pelos princípios da semiologia. A despeito das diversas comparações, nos é particularmente importante a distinção que Saussure opera entre a partida de xadrez e o funcionamento da língua, que é a intenção, elemento existente somente na primeira. A língua, pois, não premedita nada, ela é espontânea, ela é submetida a uma causalidade fortuita que se encontra fora do que o falante pode saber sobre ela. Nesse momento de sua discussão, Saussure (2006, p.105) assimila a língua ao funcionamento de algo que ele mesmo denominou de inconsciente: “Para que a partida de xadrez se parecesse em tudo com a língua, seria mister imaginar um jogador inconsciente ou falto de inteligência.” A noção de uma abertura na linguagem da *fissura do inconsciente* já se encontra esboçada na linguística estruturalista saussuriana. O próprio recurso de comparação entre o funcionamento da linguagem com a partida de xadrez é igualmente utilizado por Freud no início de seu artigo intitulado *Sobre o início do tratamento* (1969), ao se referir às regras que governam o tratamento analítico. Freud (1969) observa que, semelhantemente ao que ocorre em uma partida de xadrez, apenas o início e o término do tratamento

oferecem uma apresentação mais sistemática; e que a infinidade de caminhos possíveis a se trilhar após seu início desafia qualquer previsão, havendo uma lacuna inteiramente aberta ao imponderável. Ao se colocar o sujeito para falar, está-se à mercê das formações do inconsciente e das diversas maneiras que a própria língua surpreende o falante, ao confrontar o inesperado na sua própria fala e enunciação.

A própria noção saussuriana de arbitrariedade do signo linguístico coloca a língua à margem de uma possibilidade efetiva de ser ativamente modificada: o que é arbitrário não está calcado em uma razoabilidade e em uma norma que justifique o seu emprego e sua discussão. A causalidade do signo linguístico é real (no sentido lacaniano), não está suportada em um saber simbolicamente passível de ser enunciado e localizado. Essa ausência de uma norma, e de uma base sólida e razoável para a escolha de um significante em detrimento do outro faz ser impossível discuti-lo e de colocá-lo em questão: ele sempre escapa ao falante. A descoberta inaugural de Freud (1976) é precisamente focada nesse reconhecimento de que um sujeito não controla sua enunciação, de que ele é assujeitado pela linguagem ou, empregando uma expressão de Lacan (2009), padece da linguagem. A tríade canônica freudiana dedicada a articular o inconsciente com o campo da linguagem (*A interpretação dos sonhos*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e suas relações com o inconsciente*) demonstra o tempo todo o caráter de alteridade e de estranheza que a língua e a linguagem tem para o próprio falante; a maneira como ela escapa à sua vontade, subverte e “traí” as intenções daquele que fala. O inconsciente pode, em uma vertente, ser compreendido dessa forma: como uma linguagem que fala no sujeito e apesar do próprio sujeito.

MACHADO, B. F. V. De Saussure, discourse and reality in language: between linguistics and psychoanalysis. *Alfa*, Araraquara, v.55, n.1, p.271-286, 2011.

- **ABSTRACT:** *Lacan's reading of Freud's texts during the 50's fostered the links between Freud and Saussure via the Linguistic Structuralism. Lacan claims that Freud's "perception sign" is the closest notion to De Saussure's "significant", even though the latter notion was to be coined. With this backdrop, this paper intends to establish connections between Lacan's and De Saussure's doctrines, considering the subject, the discourse, and "the real in language" as key notions, even though they are not clearly elaborated in De Saussure's work. Accordingly, specific interface references between Linguistics and Psychoanalysis, i.e. Michel Arrivé, and references on Discourse Analysis, i.e. Pêcheux and Gadet, couch our analysis, which also discusses the way language themes are established in Freud's work, and the way Lacan appropriated De Saussure's notion of "significant". To conclude, we claim that the notions of "the unconscious" and "the real in language" were latent in De Saussure's work, despite his emphasis on language as structure.*
- **KEYWORDS:** *Subject. The unconscious. Language. Discourse. Signifier.*

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Linguística e psicanálise*: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento. In: SALOMÃO, J. (Dir.). *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.12. p.135-158.

_____. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Direção de Jayme Salomão. Tradução de Alan Tyson. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Psicopatologia da vida cotidiana, v.6.).

_____. O interesse científico da psicanálise. In: SALOMÃO, J. (Dir.). *Totem e tabu e outros trabalhos*. Tradução de Orizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p.195-226.

GARCIA, C. Graças à letra “soft”, a estrutura “hard” dura. In: HUGO, M. et al. (Org.). *Estruturalismo: memória e repercussões*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/ Diadorim, 1995. p.187-197.

JORGE, M. A. C. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. Radiofonia. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.400-447.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.496-533.

_____. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.

_____. *Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.

MALISKA, E. M. *Entre linguística & psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure*. Curitiba: Juruá, 2003.

MILLER, J. A. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MILNER, J. C. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Éditions Verdier, 2008.

_____. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PÊCHEUX, M., GADET, F. Dois Saussure? In: _____. *A língua inatingível: o*

discurso na história da Linguística. Campinas: Pontes, 2004, p.55-60.

PINTO, J. M. Lacan e o ideal do Matema. In: HUGO, M. et al. *Estruturalismo: memória e repercussões*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1995. p. 209-216.

SANTIAGO, J. Jacques Lacan: a estrutura dos estruturalistas e a sua. In: HUGO, M. et al. *Estruturalismo: memória e repercussões*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1995. p.217-224.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido em agosto de 2010.

Aprovado em dezembro de 2010.